

OS DILEMAS DO ESPAÇO E DA COR SOBRE O BRANCO DO PAPEL

Quando a descoberta se faz sentir, é no presente que antecipo o futuro. Mesmo no tempo que se armam as forças para desvendar a forma clara. Creio, tenho fé na forma que não deixa resto, que estampa e cala como a fala do poeta que em silêncio contém o mundo. (CASTRO, Amílcar de; 2005).

Minha intenção nas gravuras é, antes de tudo, o contato físico e emocional com o papel, suas possibilidades, propriedades, diversidades, e etc. O papel é quase vida. Dele emana luz, textura, silêncio... Em processos de gravura, toda técnica é anterior e distante do papel. Porém, o resultado absoluto depende dele.

Frequentei o Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre sob a orientação do mestre da técnica da litogravura: o artista visual Danúbio Gonçalves. Lembro que, entre a preparação do desenho, do uso da pedra, da acidulação e outras etapas, era na hora da impressão o encontro desafiador. O encontro entre o registro e a delicada e atenta soltura do papel sobre a chapa ou pedra. O momento era sempre especial. Prendia a respiração na ânsia de ver o resultado. Todos os olhos voltados para o momento do resultado da impressão, do artista, do orientador e do impressor. Só nas provas de impressão que o papel, o grande demandado, entra em ação.

Sinto que, trabalhar com o suporte papel, é um fazer disciplinador. Desconheço bons artistas que não tenham se aventurado por anos pelos desígnios dos papéis. *Sketchbooks*, aquarelas, gravuras, colagens, origamis ou mesmo os livros. O mundo do papel é vasto.

A monotipia me pegou de surpresa. Entrou quase sem pedir licença. Foi um rápido rabisco, feito com pincel largo e tinta acrílica preta, sobre a superfície lisa do papel. Olhei e imediatamente, usando papel branco de PH neutro e 100% algodão, imprimi. Pressionei levemente com a mão e levantei delicadamente o papel. Longe de bons resultados, tratei de extrair o máximo possível das infinitas possibilidades que surgiram. Mas, naquele momento, já tinha uma única certeza: minhas monotipias não seriam feitas com tinta de impressão, mas com tinta acrílica gesso *Black Golden*. Gosto do preto aveludado dela, assim como da rapidez de sua secagem. Também ficou claro, desde aquele momento, que o preto seria a marca da minha cor. Sempre fui econômica com cores, mas faço pequenas inserções de cores: o vermelho, o amarelo, o azul e o verde claro.

O gesto único e rápido, com maestria e desenvoltura, era condição obrigatória pela tinta eleita. Mesmo que se façam exercícios prévios, em monotipia, o acaso é determinante. É o que chamo de “acazos significativos”.

Trabalhar com papéis, gravuras e colagens demanda ordem e limpeza. Um dia, em meio à desordem e ao descarte de algumas litos que entendia não estarem de acordo, comecei a rasgar... Ao olhar para o chão, sob a pilha de papéis rasgados, algo especial nos pedaços me chamou a atenção. Parei e senti que ali havia algo que me inspirava. De imediato, encontrei um pequeno fragmento de papel. Cor, forma e um imprevisível corte em rasgo, belo por si só. Delicadamente, sobre um papel branco, comecei a colocar os pedaços encontrados. Estava nascendo o que chamo de “GRAVURAS RECONSTRUÍDAS”. É a junção da lito com a monotipia;

das colagens sobre o papel neutro e de algodão. São obras que estão guardadas em minhas gavetas desde que comecei, em 2009. Houve um período de profusão de criação.

Minhas gravuras reconstruídas me fascinam. Talvez porque preservo o preto como cor de base. E “o preto é uma abundância de cores”, como dizia Faber Castell (s.d.). “Tudo vem do preto para perder-se no branco”. (LÉVI-STREAUSS, Claude; s.d.)

Lou Borghetti
Artista Plástica
Março, 2018